

RESUMO

A pesquisa² é desenvolvida a partir de reflexões que dialogam com as Geografias Negras, campo que se destaca por evidenciar a contribuição de pesquisadores negras e negros na interpretação e na manutenção da ciência geográfica, que têm proposto como método compreender perspectivas que sempre estiveram dentro das vivências negras, mas à margem das análises do espaço geográfico hegemônicas e ocidentais. Em consonância com investigação feita pela professora Geny Guimarães, o interesse maior é refletir a geografia a partir do “desde dentro de culturas negras diaspóricas e africanas na produção do espaço” (GUIMARÃES, 2018) partindo da realidade que é parte significativa da cultura e história negra africana responsáveis por (re)inventar social, cultural e economicamente o Brasil e as Américas, mesmo sob a régua do colonialismo, do capitalismo racial e também dos processos diversos de apagamento da memória que segue dentro das tradições dos povos e formaram as diásporas.

Palavras-chave: Geo-grafias Negras, Trançadeira, memória, diáspora.

ABSTRACT

The research is developed based on reflections that dialogue with Black Geographies, a field that stands out for highlighting the contribution of black researchers in the interpretation and maintenance of geographic science, who have proposed as a method to understand perspectives that have always been within the experiences black, but on the margins of hegemonic and Western analyzes of geographic space. In line with research carried out by professor Geny Guimarães, the main interest is to reflect on geography from “from within black diasporic and African cultures in the production of space” (GUIMARÃES, 2018) starting from the reality that is a significant part of culture and history African black women responsible for (re)inventing Brazil and the Americas socially, culturally and economically, even under the rule of colonialism, racial capitalism and also the various processes of memory erasure that continue within the traditions of the people and formed the diasporas.

Keywords: Black Geographies, Braid, memory, diaspora.

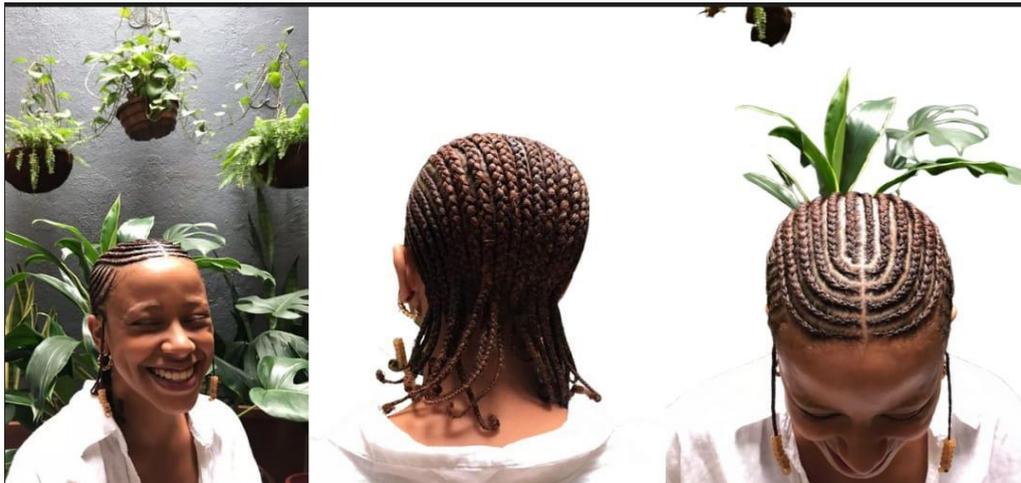
¹ Mestra em Geografia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ, silveirapaloma@outlook.com.

² Este artigo é fruto da pesquisa apresentado para o PPGGEO UFRRJ para defesa da pesquisa que é financiada pela CAPES e orientada pelas professoras Roberta Arruzzo e Geny Ferreira Guimarães.



INTRODUÇÃO: CAMINHANDO DESDE DENTRO DAS GEOGRAFIAS NEGRAS: TRAMANDO PERSPECTIVAS

Figura 3- Registro de trança feita em Thuanny Reis, este penteado é uma criação autoral realizada em estilo livre, com tranças feitas em quatro tempos-partes, tendo o meio como ponto de partida, criando a possibilidade de criar o que nomeio de técnica espelho, onde o movimento das tranças são reproduzidos na outra metade da cabeça, oferecendo uma sensação espelhada, com continuidade e profundidade.



Fonte: Arquivo pessoal.

*I know a place where we can carry on
We can carry on, we can carry on
Eu conheço um lugar onde nós podemos
continuar
Nós podemos seguir em frente, nós
podemos continuar*

I know a place - Bob Marley

Está pesquisa é continuidade de um pensamento que teve início com o estudo realizado para a conclusão da graduação em Geografia, onde busquei compreender Madureira enquanto um território negro educador, parti da narrativas de mulheres negras trançadeiras para compreender como suas trajetórias poderiam ser responsáveis por territorializar e conferir ao bairro, junto a outros elementos marcantes, como o jongo da serrinha ou o viaduto Negrão de Lima, uma característica educadora por meio de uma ancestralidade africana, que resulta identificação por parte da comunidade negra. Pela amplitude que os diálogos abriram, me deparei com um universo rico em saberes diversos e uma conexão forte com a prática de trançar cabelos, que poderiam nos apresentar mais questões acerca do espaço e de forma mais aproximada da história de vida dessas mulheres que trançam. Por esse motivo organizo uma pesquisa continuidade, que me permite seguir em observação e me aproximar das trajetórias percorridas pelas trançadeiras, em um sentido de ler suas Geo-grafias “que seria justamente a leitura das grafias ou marcas (Geo-grafias Negras) que são deixadas nas sociedades no tempo espaço” (GUIMARÃES, 2020, p.302), neste caso sendo traduzidas pelo trançado, pelas memórias desse corpo que trança, assim como os caminhos que percorrem e avançar na

proposta de pensar como mulheres negras trançadeiras podem compor metodologicamente as Geografias Negras.

Não sendo possível caminhar sozinha neste esforço de investigação, o uso da interdisciplinaridade se torna uma ferramenta metodológica que nos permite caminhar sobre um chão construído por muitos esforços de pesquisadores que analisaram criticamente a produção do espaço, pensando de forma indissociável a relação sociedade e natureza, partindo da relação polissêmica entre a racialização da sociedade e as metodologias de apreensão da realidade, resultando numa análise do pensamento social brasileiro. Ampliar o olhar por meio das produções de outras áreas do conhecimento científico, mas também da arte e da literatura, assim como de todos os saberes que nos forem possíveis acessar, encaminha-nos para pensar uma transdisciplinaridade, onde é possível dialogar com a pluralidade da experiência de vida das pessoas negras em suas individualidades e coletividades.

De modo mais aproximado com a minha experiência, entender o mundo partindo de uma multiplicidade é o que faz sentido, o que dá caminho, aprendi de um lugar onde o viver era compartilhado no quintal da família, dos vizinhos e amigos na infância e no candomblé, em minha escolha na juventude, por reconstruir o quebra-cabeça de uma existência africana em diáspora, individual e coletiva. Em concordância, Henrique Cunha Junior, pesquisador dos bairros negros e da africanidade decorrente da presença negra por meio do escravismo criminoso (CUNHA JÚNIOR, 2021, p.3), em seu esforço de analisar a organização da sociedade Bantu, em sua dinâmica filosófica sobre os valores que são tradicionais, transmitidos pela memória, onde “A família entendida é um valor social que decorre da ancestralidade e das associações realizadas na sociedade” (CUNHA JÚNIOR, 2010, p.86), cabe destacar a semelhança entre os descendentes de uma população que grande tem influência das variadas línguas e culturas bantu, assim como a cultura Yorubá, como a diáspora brasileira, sobretudo, a respeito dos modos de vida e estrutura familiar, o autor aponta para mais dois valores sociais importantes como a palavra falada e a ancestralidade.

Ao contrário do que o pensamento social construiu a respeito as famílias negras, sobretudo ao caracterizá-las como “desorganizadas, incompletas instáveis” (SANTOS, 2022, p.49), as famílias negras têm sido responsáveis por guardar e gerir uma memória que é de ancestralidade africana, de muitos territórios, do Camarões ao Quênia, passando por todo o sul do continente, assim como os povos da Nigéria, todas essas nações são formadoras do povo negro das diásporas, do Brasil. Os modelos de famílias que temos estabelecido aqui carregam um tanto dessa presença, dessa memória que para nós é valiosa, principalmente, por ser o principal espaço formador da trançadeira, como identificação ou rejeição dos penteados trançados. De acordo com Luane Bento dos Santos, pesquisadora-trancista, a família é uma instituição essencial na formação das trancistas, na maioria das vezes, elas aprendem a artesanaria capilar de trançar no contexto familiar. A família é central para o processo de aprendizado e formação das trancistas” famílias negras, sobretudo ao caracterizá-las como “desorganizadas, incompletas instáveis” (SANTOS, 2022, p.49), seja para o emprego da técnica para gerar a economia familiar dessas mulheres, seja para apresentar alternativas frente a imposição estética da hegemonia branca. Importante marcador social, as famílias negras, da forma como existem, têm cumprido uma função de transmitir valores sociais, culturais e econômicos.

No sentido de separar as ferramentas que possam nos auxiliar na retomada de uma narrativa autoral e comprometida com a produção de conhecimento que se estrutura na realidade, busco nas Escrevivências de Conceição Evaristo, um dispositivo que acolhe e promove autonomia ao relato das trajetórias de mulheres negras, assim como me encoraja a falar, “tal como outras milhares de mulheres Marias do Brasil” (RODRIGUES, 2020, p.33), e o quão valioso é para nós poder nos ler e nos conhecer de perto. Mediante essa trama de

Vidas-sabores o que faz mover é a memória, viva no corpo individual e coletivo. Como é possível sentir na poesia de Conceição:

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.
A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.
A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela
A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.
A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.
(EVARISTO, 2017, p.24 e 25)

Elaborar a partir da escrevivência é parte significativa da metodologia que tem possibilitado construir caminhos dentro da ciência geográfica, sobretudo, porque fazer sentido me parece ser a escolha certa na encruzilhada, então escrever a respeito da minha trajetória, com as tranças e com a geografia, para extrair do cotidiano que me conecta com memórias de experiências negras passadas e recentes, em transformação e renovação. Em certos momentos sinto como se lembrasse de ter vivido as mesmas experiências outras vezes, como uma cena repetida.

A narrativa fruto da trajetória de mulheres negras pode nos oportunizar conhecer espaços e vivências que não estão nas produções canônicas e que muito provavelmente não faça sentido do alto das hegemonias dos saberes e por isso, como nos diz EVARISTO “A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para 'ninar os da casa grande' e sim para incomodá-los em seus sonos injustos" (2007, p. 21), faz-se necessário que sigamos no esforço de escrever e viver nossas linguagens, nossos rituais de cura, nossa memória. Dentro do que é negociável sistematizar e expressar dentro das regras da produção acadêmica, nesta trincheira a disputa é pelo poder de falar.

Seguindo no devir de organizar o que nos oportuniza pensar uma metodologia em Geografias Negras, a prática como trançadeira possibilitou uma imersão, que nasce do fazer, das trocas e dos encontros que cada momento separado para cuidar do cabelo pode criar por ele mesmo. Ao criar a Monay Tranças, marca desenvolvida para cuidar e fortalecer pessoas negras por meio da valorização da autoestima com penteado trançados, mergulhei nas

possibilidades de ser e vivenciar o cotidiano de mulheres negras que se dedicam a cuidar de cabelos crespos, escutar e sentir a narrativa de outras várias mulheres, que em suas multiplicidades inspiram o corpo-ouvido-sentido que busca conhecer. Em uma confluência dos desejos, querências e lutas por liberdade, o encontro de cuidado e afeto entre mulheres negras ganha um tom revolucionário. “Eu sou preta, penso e sinto assim.” (NASCIMENTO, 1974) o que segundo a antropóloga Denise Cruz (2019), pode revelar uma teoria a respeito dos saberes de mulheres negras, a autora destaca:

[...] os sentimentos, as emoções são parte de uma episteme negra e devem compor o trabalho sobre as mulheres negras que não são somente “objetos” de estudos, mas sujeitas que reivindicam para si o estatuto de humanidade. Ao falarmos de nós estamos fazendo outra ciência. Ciência menos centrada em uma oposição entre sujeito e objeto e mais focada no fazer-se sujeito. (CRUZ, 2019, p.22)

E é em respeito a esse lugar, que tantas de nós tem conseguido caminhar em seus sonhos de narrar, o que considero elemento fundamental para o desenvolvimento dessa pesquisa, e o ser, sentir e escutar como métodos valiosos para o fazer Geografias Negras, desde de dentro das vivências, dos saberes e do cotidiano, revelado por meio da trajetória de mulheres negras trançadeiras.

Por fim, nesse balaio onde separo os instrumentos que foram fundantes para este resultado, como recurso central e articulado com os anteriores, assim como com aspectos desafiadores, é necessário que possamos nos comprometer em traduzir as trajetórias, caminhar por meio delas, escutá-las atentamente e ser sensível a suas nuances, que podem percorrer diferentes sentidos, afinal se trata da vida. Nesta roda já tem gente, foi na escuta dos movimentos de tantas histórias, que integro a trajetória neste processo, como aspecto central para conduzir a investigação. Cabe destacar que esse é um elemento que tem aparecido em parte das referências abordadas na dissertação, assim como em cada cafezinho no intervalo de um penteado e outro. O exercício que pratico é o de escutar cada história, horas elas esbarram com a minha, horas me transformam, mas em boa parte do tempo são a forma como as pessoas negras têm praticado suas catarses individuais e coletivas. Neste sentido, é importante considerar que os espaços de cuidado podem ser responsáveis por impulsionar a escuta, sobretudo porque reconhecer a necessidade e poder separar um momento para cuidar de si, para pessoas negras, tem sido um desafio frente ao modelo de vida imposto, exaustivo por suas variadas cargas de trabalho, tanto quando os altos níveis de violência racial física e subjetiva.

CORPO MAPA DOCUMENTO: CAMINHAR DESDE DENTRO DAS GEOGRAFIAS NEGRAS.

O marco inicial deste capítulo nasce antes das palavras, nasce de incertezas e de inseguranças que tem ocupado parte dessa caminhada para assumir a intelectualidade que pulsa do pensamento. Houveram muitas dúvidas, mas não a respeito da importância do que a pesquisa se propõe observar, mas de um lugar que fora construído para que minha corporeidade não tivesse agência do debate amplo e científico, houveram incertezas porque quando decidi ser sujeito, estava o fazendo bem da forma como existo: preta!

Este capítulo se dedica a compreensão do caminho que percorremos até as Geografias Negras, como ela pode ser apresentada e possibilidades de pensar suas ferramentas de olhar para a realidade e interpretá-la, assumindo o interesse de poder contribuir para elaboração de metodologias dentro do campo, que estão alicerçadas na sociabilidade de mulheres negras trançadeiras que acionam diversos elementos que podem compor este caminho para uma análise do espaço.

o fim de apresentar esta parte com nitidez sobre os passos que inventam a caminhada, construir a geografia de dentro das Geografias Negras é uma possibilidade de radicalizar o pensamento social com os sonhos dos ancestrais, com um amor atencioso e radical. Amar como nos disse bell hooks: “Amar a negritude como resistência política transforma nossas formas de ver e ser e, portanto, cria as condições necessárias para que nos movamos contra as forças de dominação e morte que tomam as vidas negras” (hooks, 2020), é neste sentido que apresentar a trajetória socioespacial da trançadeira pode nos ajudar a entender o posicionamento de indivíduos que historicamente foram apagados da história, mas seguem sendo agentes que produzem o espaço e a sociedade.

Inspirada em uma afirmação do professor Renato Noguera, sinto que fazer geografias negras corresponde a um modo de geogarfar, forjado na presença da memória, material, subjetiva, no corpo, no patrimônio, nas linguagens, nas existências, nas resistências, na vida. Por assim dizer essa forma de fazer geografia precisa fazer sentido para ser praticada, ela nasce no meio da ausência, vive como possibilidade de mudar paradigmas racistas "que se mantiveram presentes na sociedade e nos seus respectivos estudos, e no caso da Geografia, na formação docente, nas pesquisas e no ensino" (GUIMARÃES, 2018, p. 67), é alimentada pela demanda de um contingente de estudantes negras e negros que entraram nas universidades públicas por meio das ações afirmativas e que 'para a autora, em termos pedagógicos, vale destacar:

O avanço das políticas públicas afirmativas de cotas para universidades e a Lei 10.639/2003 (dois marcos legais nesta discussão). Sobre o sistema de cotas vale mencionar o conjunto de ações e políticas afirmativas adotadas para a garantia de ingresso de jovens nas universidades públicas (estudantes de escolas públicas, negros e indígenas), no intuito de diminuir as desigualdades socioeconômicas e reparar injustiças históricas. (GUIMARÃES, 2018, p.76)

Essa conquista mencionada por Geny, é resultado de um processo de lutas e resistências frente a uma série de violências históricas ocasionadas pelo colonialismo, segundo Guimarães “O Brasil é um país que ainda carrega as mazelas do período colonial e de escravização enquanto expressão máxima do racismo, por isso ainda são necessários os movimentos de resistência” (GUIMARÃES, 2018, p.73). E nos lembra que frente a todo processo de violência haverá resistência e conseqüentemente suas marcas, ela segue:

No passado, os movimentos de antirracismo eram representados pelas resistências em forma de fugas de escravizados, aquilombamentos, suicídios, banzo, revoltas, religiões africanas e letramento de alguns escravizados e libertos com, inclusive, marcantes produções literárias. Essas dinâmicas podem ser entendidas como ‘[...] resistências astuciosas: estratégias negras de liberdade’ (MATTOS, 2008) ou podem ser denominadas de ‘ações-resistências’ (GUIMARÃES, 2014). Elas existem desde o continente africano ‘[...] no sentido de atitude de não aceitação da escravização’ (GUIMARÃES, 2014, p.11) e se prolongam após a Abolição e ao longo do século XX com a continuidade das irmandades católicas e das casas de santo, manutenção das expressões das culturas negras ancestrais, das aglomerações coletivas negras políticas e econômicas e de moradias formadas principalmente nos subúrbios e favelas, ou seja, na configuração espacial de muitas cidades brasileiras e até nos recentes quilombos urbanos (GUIMARÃES, 2018, p.74)

Seguindo a trama que conecta as lutas de resistência do passado ao processo da história que nos faz chegar até o agora, com a proposta de somar na elaboração de um campo do pensamento geográfico, é importante assumir que ficaram muitas marcas dolorosas diante das mazelas provocadas pelo racismo e violências coloniais “ assim como de tantas outras geradas por mitos que ainda persistem no presente - por exemplo a mestiçagem enquanto crença na possibilidade do branqueamento” (GUIMARÃES, 2018, p.74) e também o mito da

democracia racial “que enfatiza que as desigualdades raciais não existiriam, pois a mestiçagem geraria equilíbrio entre as diferenças e, por conseguinte, uma suposta igualdade social, política e econômica” (GUIMARÃES, 2018, p.74). Estas políticas sustentam o pensamento social brasileiro, que tem feito a manutenção de um sistema de opressão que garante os privilégios de uma hegemonia branca e patriarcal, sob uma perspectiva ocidental de controle e avanço do capitalismo que tem dado certo ao assegurar que se mantenham os lugares sociais de poder e dominação. Este panorama passa a ser ampliado a nível dos debates, pois de acordo com CIRQUEIRA E SANTOS (2023):

A revisão crítica acerca dessas discussões tem sido estabelecida principalmente, mas não exclusivamente, por pesquisadores negros e negras, que buscam ir além da catalogação de desigualdades ao questionar lógicas e formas excludentes de produção do conhecimento. (CIRQUEIRA; SANTOS, 2023, p. 4)

E é neste cenário de disputas, sobretudo, em termos de narrativas e produção do conhecimento pelos novos agentes e sujeitos que passam a se questionar onde está o negro nas pesquisas e produções na geografia, não apenas em estatísticas das mais diversas subcategorias da vida e da morte. Como parte de uma luta que tem sido organizada pelo Movimento Negro desde as lutas pela liberdade do sistema escravagista até as organizações negras frutos do movimento negro organizado, esta conjuntura é abordada em diversos artigos que realizam o esforço de pensar as geo-grafias negras no espaço, os autores Cirqueira e Santos (2023), neste empenho, corroboram para a compreensão acerca do comprometimento das lutas pelo acesso a uma educação formal para pessoas negras, foram diversas as estratégias, como, por exemplo citado pelos autores:

[...] a criação de escolas mantidas exclusivamente por entidades como a Frente Negra Brasileira (FNB), fundada na década de 1930, as frentes de alfabetização de jovens e adultos em uma perspectiva popular organizada pelo Teatro Experimental do Negro na década de 1950, os cursinhos pré-vestibulares para negros e carentes (1980-1990) e, mais recentemente, a conquista de políticas de ações afirmativas para estudantes negros no ensino superior. (CIRQUEIRA; SANTOS, 2023, p. 7)

O fluxo desse movimento de reconhecimento de uma memória ancestral na produção da vida e do espaço, faz com que esse contingente de trajetórias siga na reivindicação de uma reparação, também do lugar da produção de conhecimento. Assim, a continuidade da luta de militantes negros e negras em níveis geracionais, tem avançado em diferentes frentes, sendo eu fruto desta luta, como tantas, seguimos conscientemente na projeção de outras perspectivas, que está comprometida com a reformulação e ampliação das bases epistemológicas da Geografia. Neste sentido Cirqueira e Santos (2023) tecem um panorama sobre as trajetórias desses pesquisadores, a fim de garantir avanços:

uma parte dos geógrafos interessados nesse tema têm interpelado as instâncias representativas da ciência geográfica, como a Associação de Geógrafos Brasileiros (AGB) e a Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia (Anpege), para que esse movimento seja reconhecido e valorizado. Nesse sentido, um marco recente é a publicação do manifesto “Por uma Geo-grafia Negra” durante o XIII Encontro da Anpege (Enanpege), em setembro de 2019. (CIRQUEIRA; SANTOS, 2023, p. 4)

Em um mergulho no pensamento da ciência, em uma confluência de pesquisas que articulam a produção do conhecimento geográfico com as lutas contra o racismo e as mazelas que decorrem de sua operacionalidade, em referência a professora Nilma Lino Gomes que nos propõe pensar acerca do Movimento Negro Educador e a produção de intelectualidades comprometidas com os avanços da luta negra.

[...] avalia que, no final da década de 1970, com a rearticulação nacional de diversas entidades negras para a formação de uma frente de luta, o Movimento Negro Unificado (MNU), originou-se uma geração de intelectuais negros que, atualmente, são importantes referências nos estudos sobre relações raciais. Na análise da autora, esse movimento causou consideráveis efeitos no campo da educação, tendo em vista que os intelectuais/militantes produziram estudos que não somente desvelavam o racismo presente nos diversos níveis de ensino formal, mas também apresentaram estratégias para promover a superação do racismo. (CIRQUEIRA; SANTOS, 2023, p. 7)

É importante ter em vista que muitas propostas foram criadas e em diferentes sentidos para a construção/reconhecimento de epistemologias próprias e de metodologias, para pensar uma geografia que “representa uma área do conhecimento do ser e estar da humanidade no mundo (sociedade) e planeta (natureza) com suas inúmeras relações” (GUIMARÃES, 2018, p. 69). O percurso dessas trajetórias mostra que não há projeto único de geo-grafias negras, por meio de um manifesto elas se nomeiam e auxiliam a tradução da amplitude de experiências que revelam uma dimensão racial na produção do espaço.

Em nosso entendimento, a racialidade, a etnicidade e a africanidade constituem o espaço em sua ontologia - na conformação das relações e das práticas sociais, raciais, étnicas, de gênero e sexuais -, o território em suas várias configurações e escalas de poder e os lugares qualificados pela diferença. As questões para uma geo-grafia negra podem ser observadas e acionadas no espaço urbano (na segregação, nos territórios e lugares, na espacialidade dos movimentos sociais; no rural (na terra, nos quilombos); nos estudos de população (nos percentuais populacionais, nos projetos de genocídio negro), no ensino, na educação e na escola (como conteúdo - a temática étnico-racial e africana, como metodologia - as pedagogias negras e africanas, como corpos - docente, discente e técnico e na relação escola - bairro ou comunidade); no ambiente (nas situações de vulnerabilização das terras indígenas e quilombolas, dos riscos socioespaciais e socioambientais e de racismo ambiental); nas trajetórias e corporeidades de sujeitos individuais e coletivos em suas diferentes espacialidades e territorialidades. (MANIFESTO, 2019)

No ato de se localizar, colocam em prática um dos recursos metodológicos que constituem sua formação, por meio de uma afroperspectiva “somos um movimento composto por geógrafos/as negros/as, em distintas trajetórias de formação e atuação, que dirigimos nossos estudos e pesquisas para as questões negras, raciais, étnicas e africanas, por vezes correlacionando-as com etnicidade, gênero e sexualidade em suas dimensões espaciais” (MANIFESTO, 2019), e lutar para garantir que os avanços sejam de fato solidificados.

[...]reconhecer o estatuto epistemológico de um conjunto de saberes e conhecimentos negros, inclusive aqueles produzidos por mestres/as do saber e pela militância; ter como perspectiva, no horizonte das políticas de ações afirmativas, a implantação de cotas étnico-raciais e o aumento do número de geógrafos/as negros/as como docentes do ensino superior. (MANIFESTO, 2019)

Desmantelar as espacialidades do racismo é um caminho forjado pela própria caminhada de pesquisadores negras e negros, dentro da Geografia, que “reproduziu processos de subjugação, retificou desigualdades e naturalizou hierarquias, além de difundir ideologias de supremacia branca e do patriarcado.” (CIRQUEIRA, GUIMARÃES, SOUZA, 2020, p. 4), a pensar o desenvolvimento da Geografia moderna, a partir do século XIX, podemos identificar modelos do colonialismo e do imperialismo, na produção de ferramentas teóricas, que destacam os autores

[...] desenvolveu metodologias que articulavam meio de raça de forma determinista e hierarquizante. Da mesma forma que a natureza foi compreendida como algo diverso e desigual por geógrafos, o humano inserido nas leituras geográficas não era um “humano universal”, mas, categorizado pelas lentes da raça. Assim, de maneira sobreposta os meios iam de degenerantes (os tropicais) aos meios propícios para o desenvolvimento de civilizações avançadas (o mediterrâneo) e as raças iam das inferiores (negros, indígenas e amarelos) às superiores (brancos). Igualmente, a própria metodologia de regionalização, o cerne da Geografia moderna, não se estabelecia como um procedimento simples de “separar por distinção e agrupar por similaridade”. De fato, o método regional moderno, como uma lógica de ordenação de heterogeneidades na superfície do planeta, conformou-se como uma metodologia de produção diferença hierarquizada, particularmente da diferença humana articulada a um ambiente natural. (CIRQUEIRA, GUIMARÃES, SOUZA, 2020, p. 4)

Reconhecer as limitações no sentido de interromper as violências, escolher não reproduzir e ser crítico a Geografia que operacionaliza o sistema colonial moderno e contemporâneo. E interagir com epistemologias próprias, onde a construção se dá por meio do sentir, das vivências, da interpretação das memórias deixadas nos corpos e existências negras. Em consonância com as pesquisas realizadas pelas professoras Sheila Walker e Geny Guimarães, o percurso feito é o de elaborar com a geografia a partir do “desde dentro de culturas negras diaspóricas e africanas na produção do espaço” (GUIMARÃES, 2018), apresentando uma possibilidade maior de aproximação com a realidade de parte significativa da cultura e história negra africana responsáveis por (re)inventar social, cultural e economicamente o Brasil e as Américas, mesmo sob a régua do capitalismo racial e também dos processos diversos do apagamento da memória que está dentro das tradições dos povos e que formaram as diásporas, segundo a professora Walker em *Conhecimento Desde Dentro: Os afro-sul-americanos falam de seus povos e suas histórias* nos informa que são “fundamentadas nos saberes que trouxeram da África em sinergia com o que encontraram em sua nova terra, criações que marcaram com sua originalidade as sociedades de todas as américas” (WALKER, 2018, p. 15 e 16).

Alianças o pensamento de duas pesquisadoras importantes, dentro da produção do conhecimento, para conseguir apresentar de forma nítida a trajetória de formação dessa geografia negra, que caminha por Geo-grafias negras, essas podem ser entendidas “como as variadas possibilidades de leitura do mundo, proporcionadas pela interdisciplinaridade da Geografia com outras áreas do conhecimento e utilizando as mais diversas linguagens.” (GUIMARÃES, 2020, p. 304), essas marcas ou grafias, são as mesmas memórias que as famílias negras têm transmitido há gerações, tanto quanto os espaços de manutenção de uma identidade cultural africana, como as casas de candomblé, representadas por tantas nações de matriz africana, os espaços dos Quilombos, assim como as favelas, em sua produção de espaços de cultura e educação. Esses saberes africanos, em toda dinâmica que o envolve, também são re-formulados e re-produzidos pelos povos que se re-inventaram na diáspora, assim como podem ser interpretados a partir de uma dimensão racial do espaço “ou seja, o reconhecimento de elementos que fazem parte do espaço geográfico em uma vertente dinâmica de construções” (GUIMARÃES, 2018, p.). É deste lugar que as trajetórias, quando interpretada desde dentro, como ação, narrada, escrita sobre as vivências, onde se busca, como destaca Geny,

ênfatizá-lo como uma forma de ser e estar no mundo (com todas as suas produções, percepções, vivências e experiências) de um grupo sociocultural, da população negra e sua maneira de traduzir o seu pensar e traduzir o mundo por meio de pesquisas, prática docentes e atividades pedagógicas ou de ensino (GUIMARÃES, 2018, p.68)

Essa dimensão racial do espaço geográfico, em primeiro plano, sobretudo em decorrência do racismo, “possui uma localização espacial que se dá por meio das limitações

econômicas, subalternidades políticas, referências folclorizadas e populares de sua cultura e marginalização de posição social, entre outras perspectivas ou aspectos” (GUIMARÃES, 2015, p.146), esses aspectos aparecem de maneira recorrente na narrativa das trançadeiras que colaboraram com essa pesquisa, como sendo desafios a transpor em seu cotidiano, a citar a questão do racismo e da mobilidade urbana entre o centro e as regiões metropolitana e periférica, uma desvalorização do trabalho, tanto em referência ao valor simbólico, quanto pelo valor material, o que cria instabilidade e vulnerabilidade econômica. Tantas são as experiências aptas para compor um mapeamento que nos permite fazer a leitura dessa dimensão racial do espaço, esse “lugar do negro” (GUIMARÃES, 2015; GONZALES e HASENBALG, 1982) lida a partir da corporeidade da trançadeira, dessa naturalidade em olhar para o negro a partir de perspectivas racistas, que também resulta nas produções científicas que não é mais possível pactuar, ou sequer tolerar. No sentido de compreender as dinâmicas de poder e violência que organizam as noções hegemônicas de organização do espaço, Guimarães aponta que

inclui pensar o espaço geográfico formado imerso no fenômeno do racismo, capaz de promover a formação, transformação, das relações interpessoais no espaço. Perceber o racismo como elemento ativo, metamórfico e atemporal na sociedade é entendê-lo como capaz de elaborar contornos territoriais, territorialidades, paisagens, lugares, características locais, regionais, nacionais, internacionais e globais e como resultado gerar as desigualdades sócio-espaço-racial.(GUIMARÃES, 2015, p.223)

A medida que a Geografia se insere nesse contexto por meio de um legitimação dessas desigualdades também é atravessada por “categorias como diáspora, identidade, negro-africana e brasileira, “ações e lugares-resistências” são centrais para reflexões sobre poder e violência, mas não estão isoladas precisam dialogar com negritude, branquitude, negrura, brancura, embranquecimento e branquidade” (GUIMARÃES, 2015, p.223). Por consequência, a organização dos movimentos de resistência apresentou outras possibilidades, Guimarães faz o seguinte apontamento

Na diáspora africana na América foram construídos os lugares resistências como consequência das ações-resistências ou práticas negras de autodefesa frente às opressões, violências coloniais, da escravatura e formadas territorialidades geradas pelo lugar do negro estipulado por si mesmo e do negro como lugar a partir de sua memória e corporeidade também designados “desde dentro”(GUIMARÃES, 2015, p.30)

Esses lugares e ações de resistência tem suas bases fundamentadas em valores que são afroreferenciados, por partir exatamente de onde “pensamos, vivemos, sentimos e experimentamos e pelo que nem sempre com palavras e/ou cientificamente podemos explicar” (GUIMARÃES, 2018, p.68), na condição de viver a realidade de ser uma pessoa negra todos os dias, com as dores e as delícias, trata-se mergulhar em uma afrogênese, voltar pra casa, ou estar em um movimento Sankofa, cabe destacar:

O conceito de Sankofa (Sanko = voltar; fa = buscar, trazer) origina-se de um provérbio tradicional entre os povos de língua Akan da África Ocidental, em Gana, Togo e Costa do Marfim. Em Akan “se wo were fi na wosan kofa a yenki” que pode ser traduzido por “não é tabu voltar atrás e buscar o que esqueceu”. Como um símbolo Adinkra, Sankofa pode ser representado como um pássaro mítico que voa para frente, tendo a cabeça voltada para trás e carregando no seu bico um ovo, o futuro. (FIOCRUZ, 2018, p. 1)

Ou ainda, recuperar nossa memória é seguir exigindo o direito à existência, Como nos apresenta Jesús Chuco García, pesquisador negro venezuelano, pensando sobre como podemos recuperar conhecimentos etnoculturais, ou “de um reconhecimento do desconhecimento”, aquele que não está nos livros, mas enraizados na trajetória de cada

africanos e seus filhos na diáspora, o autor discorre sobre como esse processo de construção afroepistemológica refere-se ao que já está em nós:

Trata-se de reconstruir nossa etnogênese, a qual constitui a fonte de todo esse conhecimento segmentado através dos séculos, e que, por tradição oral, foi mantido vivo. Essa reconstrução pode começar por uma palavra, uma refeição, uma melodia, um signo ou símbolo religioso, um feito histórico proposto por uma cimarrona ou por um cimarrón, uma técnica de trabalho, um elemento estético expresso em um estilo de penteado, um objeto artesanal, entre outros elementos (GARCÍA, 2018, p.93)

Sendo assim, no encontro com o que não se sabe, mas se sente, é que foi possível chegar na compreensão da trançadeira como comunicadora de uma linguagem, que nos é muito valorosa, o Orí, responsável por guardar e projetar nosso futuro. Tem sido por meio do sentir, que temos atravessado um atlântico de estranhezas e silêncios, onde se manifesta a corporeidade da pessoa negra por meio dos diversos processos de apagamento do que é africano, dos nossos nomes, nossas fês, linguagens e os aspectos estéticos e culturais, é deste lugar, em algum ponto dentro de cada um de cada uma, que o racismo corta. Mas também é no reconhecimento de onde dói, do que é posto no lugar de outridade, é no ato de não aceitar mais ser agente nessa engrenagem de criar silêncios, a ação do eco que entoamos como resistência, dos saberes-fazeres que estão em uma dinâmica constante de renovação, por essa memória que é viva, que está intimamente conectada ao caminho que se encontra na oralidade um aporte para troca de saberes, fundamentado na prática milenar dos povos da terra, com os povos africanos que passaram pelo trauma do colonialismo e da escravidão. Em referência aos escritos de Beatriz Nascimento, onde o ser humano tem um viés transformador, que é percebido pela ancestralidade, pelo pertencimento, que estimula autonomia sobre os processos de busca a respeito de diferentes tipos de epistemes, ou ainda, nossa afrogênese (GARCÍA, 2018), as quais buscamos desenvolver em nossa caminhada. Essa narrativa revela o potencial transformador das vivências de mulheres negras, de suas trajetórias, lutas e ações-resistência. Referenciando-me a poeta e escritora Audre Lorde em sua obra *Irmã Outsider*, assim como o meu silêncio não tem nos protegido e não nos protegerá das sistemáticas ações desestabilizadoras produzidas pelo racismo. Seguimos porque há muitos silêncios a serem quebrados, desde dentro.

AMAR RADICALMENTE A NEGRITUDE

Agô
É no Orí da minha irmã onde materializo o que
sinto.
em forma de amor
conjugo palavras de força
de esperança
reúno memórias doces
com intenção
de diluir o amargor
daquelas sensações de completa inadequação
por que não querem nos deixar gozar
em ser
É no Orí da minha irmã
onde intuo sonhos para o eu
coletivo, de cuidado
mútuo
de expansão
da alma



*É no Ori da minha irmã
que planto coragem
para enfrentar a sombra a qual tentamos fugir
juntas
Sentimos medo
nesta sombra foram projetadas tantas dores
que nos fizeram crer
nos educaram a crer
que a experiência da vida estaria limitada a
subjugação
silêncio.
Mas é ... No Ori da minha irmã
onde encontro caminho
seguro, fértil
Lá estão maturando os
desejos-projetos-filhos-frutos-sementes
que as mais velhas deixaram na terra.
E com tanta revira e volta
É no Ori da minha irmã que ficam guardadas as
esperanças do caminho
e me conduz de encontro com o que está vivo
da memória
Agô.*

Paloma Silveira, 2023.

Sou uma mulher negra jovem, nascida em São João de Meriti, Baixada Fluminense, região metropolitana, também periferia do Rio de Janeiro, quando criança a diversão era brincar na rua e andar de bicicleta, sentar na calçada e esperar a manga cair, sair com a sacola cheia com os amigos, andei de skate uns seis anos e também pratiquei luta. Fui criada por muitas mulheres, elas marcaram a minha vida e a relação que tenho hoje com minha racialidade, com meu corpo e com meus cabelos.

Exatamente por esse motivo é fundamental partir do fato de que eu amo as mulheres negras, as amo de um lugar de intimidade, por minha mãe, por minhas avós, as que conheci, com relação sanguínea e de amor, à avó Regina, mãe de minha mãe, a qual sem ter conhecido, me identifiquei, pelas memórias familiares, pelas semelhanças que marcam meu corpo, pelo trançado. Por minhas tias, amigas da juventude de minha mãe. Eu amo a forma como as tranças me levaram à minha casa de axé, Ilê Erupê Ni-IKo Esã, tendo como sua matriarca Yá (mãe) Vanilda D’Omolu e nosso avô de santo Sr Bambawara Wilson D’Òshún. Pelos fios de Monayó Raquel Rosário, cliente que trançei em Madureira e depois em seu domicílio, que se tornou amiga, que é irmã na espiritualidade, e cuida de seu lugar de mãe /ekedi. Imersa nesta circularidade de cuidados matriarcais, me torno abyan (filha, não iniciada) nesta casa, que têm me acolhido em vivências, que em forma de roda, o xirê (roda em cânticos e danças aos ancestrais), nos permitem acessar um espaço de reverência à memória, que em sua prática de cuidado e rituais de fé, estabeleceram um sentido de conexão em um lugar dentro, no Ori, que é “uma palavra Yorubá, língua utilizada na religião dos orixás, que significa cabeça ou centro e que é um ponto chave de ligação do ser humano com o mundo espiritual” (NASCIMENTO, RATTIS, 2007, p, 63), é deste lugar que posso reconhecer mais uma peça desse quebra-cabeça,

PESQUISA que se configura por meio do cuidado e que dimensiona uma experiência que é africana, reinventada e reconstruída nas diásporas.

A respeito dessa memória, cabe dialogar com a proposta de compreensão do tempo e do corpo e sua corporeidade, de Leda Maria Martins, que assenta o pensamento quando espelhamos a trajetória de mulheres negras que têm se construído, em suas relações sociais, econômicas e culturais a partir da memória que lhes pertence, como um dom, que fica no corpo, nas mãos, que se apresenta como sonho-possibilidade, como movimento que foi repetido ao longo de um tempo espaço que nos foge a compreensão da sua dimensão, tanto pela quantidade de gerações ao longo de séculos que usam as tranças como recurso de poder e beleza, de prosperidade e status social, quanto pelo processo de colonização e do racismo por engendrar um sentido de inferioridade e violências sistemáticas nos sentido de pagar a memória sobre os cabelos negros. Helen, uma das trançadeiras entrevistadas para este estudo, explicita esse devir, o trançado que se revela por meio do sonho, mesmo que sem contato com as tranças diretamente em seu meio familiar, mas presente nas mãos, sobre seu processo de aprendizado ela diz

Sendo que um tempo antes de eu começar a trançar eu penteava o cabelo da minha cunhada e ficava tentando fazer alguma coisa parecida com trança. Eu comecei a gostar tanto que eu passei a sonhar fazendo trança, sem saber fazer trança, e aí tudo que sonhava eu tentava colocar em prática no cabelo dela. Durante a noite eu sonhava com uma mão fazendo trança, aí eu tentava executar no cabelo dela no dia seguinte. Até que um dia eu conheci a esposa de um tio do meu ex-marido e ela sabia porque trabalhava com mega hair, mas ela sabia um pouco de trança nagô. E aí ela olhou o cabelo da minha cunhada e falou assim: nossa que legal, na verdade era um flat Twist que eu fazia e achava que era trança. Ela falou assim nossa: que bonito você sabe fazer trança nagô? Aí eu respondi que não, não sei fazer, fiz isso aqui porque sonhei e achei legal e quis fazer no cabelo dela. Foi quando ela disse: vou te ensinar a fazer trança nagô, vou te ensinar a fazer o básico! Foi a partir daí que ela me ensinou e então eu fui criando outros designer, fui aprendendo. (Entrevista realizada com Helen em agosto de 2023)

Por meio da prática, das tentativas com seus erros e acertos, no âmbito de uma “performance ritual por meio de técnicas e procedimentos performáticos veiculados pelo corpo” (MARTINS, 2021, p. 48) e que, como continua Leda:

Em sua cosmo percepção filosófica e religiosa, reorganizam-se os repertórios textuais, históricos, sensoriais, orgânicos e conceituais da longínqua África, as partituras dos seus saberes e conhecimentos, o corpo alterno das identidades recriadas, as lembranças e as reminiscências, o *corpus*, enfim, a memória que cliva e atravessa os vazios e hiatos resultantes das diásporas. (MARTINS, 2021, p. 48)

A escolha de mergulhar na prática de tranças, na memória dos cuidados de meus cabelos na infância, organizou o meu amor pelas mulheres negras, sobretudo, por ter sido um processo de realização e encontros que havia me negado a experimentar durante anos, mas nunca deixou de fazer sentido, então, pelo afeto e cuidado que me atravessa cotidianamente, que me nutre e expande, me realiza, tenho amado a eu-mulher negra e também a negritude, como resistência política (hooks, 2020), radicalmente e operacionalizada pelo cuidado, representada pelas mãos, pelo fazer, pela criatividade e dedicação de movimentar em gestos que comunicam ancestralidade.

Dizer sobre este percurso é o que inspira para a escrita dessa pesquisa, durante os atendimentos com mulheres negras, acessei lugares que despertaram as possibilidades para a compreensão da metodologia que escolhi abordar, uma perspectiva sobre uma dimensão da realidade espacial do fazer-saber de mulheres negras que na projeção de sua técnica, por meio da ação de cuidar de cabelos negros, tem um potencial em interromper violências sistemáticas e criar alternativas de produzir outras imagens e narrativas acerca da negritude. E mesmo em

Um processo de escrita permeado por cansaços e demandas de uma vida de responsabilidades, iniciei um caminho que se apresenta de duas formas, como retorno e como continuidade, justamente por não reconhecer o racismo como o elemento definidor na troca coletiva, mesmo sendo um marcador que direciona reflexões importantes. Retorno porque preciso voltar, preciso escutar e criar a oportunidade de sentir, na prática como trançadeira, nas relações familiares e na revisão das rotas para o futuro, e como continuidade, porque é no devir desta memória que tem fundamentado o caminho, por meio sobretudo, do acolhimento a tantas travessias semelhantes, conectadas pelo que ficou.

Materializando na geografia uma perspectiva de análise da realidade, que está dedicada em por ênfase justamente aos conhecimentos gerados desde uma prática cultural africana, trançar e ornamentar os cabelos negros, resistindo aos longos séculos de colonização, que operou intensamente no sentido de invisibilizar e degradar a imagem da pessoa negra de ascendência africana na diáspora. Atualmente é possível dizer que é de conhecimento amplo que o projeto colonizador atuou primeiramente no apagamento dessa memória que veio de lá, em tantos artigos, dissertações e teses (GOMES, 2019; SANTOS, 2019; LODY, 2004) temos uma noção das diversas incursões do projeto de colonialidade racista de fazer desaparecer a memória que está dentro e fora de cada pessoa herdeira. Sobre os cabelos podemos refletir sobre os alisamentos, chapinhas, procedimentos “relaxantes”, os cortes na máquina zero, todo um arsenal de outras possibilidades que foram incutidas no ideal de cabelo, que não posso dizer perfeito, mas dentro do limite de aceitação social. Sendo assim, garantir que a narrativa de mulheres negras que trançam seja incorporada como um elemento desmobilizador de um pensamento social a respeito do cabelo negro, pode revelar elementos que nunca tiveram a oportunidade de serem reconhecidamente atribuídos à uma interpretação da vida, dos saberes e da produção do espaço. Para a geografia, em sua revisão necessária e novas escrevivências, minha hipótese é que podemos elaborar uma geo história que rasura parte do conto colonial sobre nossas existências, sobre o engendramento do espaço e das relações sociais, culturais, econômicas, afetivas, subjetivas, políticas, de cuidado e transformações pedagógicas a eles atribuídos.

Tenho percebido que para avançar na compreensão deste universo inteiro que habita em mulheres negras trançadeiras precisaria me debruçar no acolhimento da mulher negra que sou e todas as implicações que a minha existência imprime, preciso assumir os fantasmas que me assustam no que toca a minhas experiências desde me entendo por gente. Quero dizer de lugares dentro de mim que foram feridos intensamente pelo racismo e pelo desenrolar das relações estabelecidas com a sociedade e com a natureza.

Sempre morei em um bairro negro, pelo menos para mim, lá haviam todas as pessoas que me foram fundamentais para minha formação pessoal. Cresci em um ambiente que haviam todas as formas de manifestação de humanidade, fui cristã boa parte da vida, onde me ajustei a desencontros que se naturalizaram no cotidiano, nele estava a dissonância com minha imagem enquanto uma menina negra e o desejo de ser e estar entre os tantos jovens que cresceram comigo, fui uma menina negra e gorda, com os cabelos extremamente penteados por minha mãe, alegre, brincante e responsável. Na infância eu fui a boneca que minha mãe não tivera a oportunidade de pentear os cabelos quando ainda era menina, escolho dialogar com essa memória por que a identifico como a primeira marca que carrego na minha constituição mais atual, mulher negra que trança. Não havia um dia sem que minha mãe não penteasse o meu cabelo, puxava para o lado, partia ao meio, dava forma aos cachinhos e aos contornos da memória que vieram a se materializar como proposta de ação prática de resistência: amar radicalmente a negritude!

CONSIDERAÇÕES FINAIS: APONTAMENTOS ACERCA DA CONSTRUÇÃO DO CABELO NEGRO

“Tudo começa na infância, né?” é a questão que a trançadeira Dayana introduz sua narrativa e ao responder sua pergunta retórica, escrever sobre o cabelo negro é dizer que sim. Sendo assim, em vias de considerar os últimos destaques desse breve estudo, gostaria de finalizar com algumas considerações sobre esse cabelo, que estudamos desde o Orí, que para nós está associado a um valor que é muito marcante dentro da religião de matriz africana, candomblé da nação Ketu, de onde tenho aprendido de perto, o valor do cuidado. Por cá, os cabelos estão em uma relação indissociável com o cuidado, que é ritual, que conecta, protege, estimula a sonhar e criar, como “elementos mágicos, de reconexão, eles representam elos de ligações com a ancestralidade da pessoa” (SANTOS, 2022, p.29). Este cabelo cuidado, ritualizado, que comunica em sua linguagem diversa, uma vez que se pode assumir diferentes formatos e contornos penteados, como o cabelo Black Power, usado com os fios naturais e penteados, ou as torções e trançados realizados em diferentes contextos e ocasiões. Esse cabelo que assume um lugar-ação-resistência política, os cabelos que “contam a história de nossa ancestralidade. Por essa razão, os adeptos do Candomblé têm suas cabeças e cabelos cobertos nos períodos de obrigação” (SANTOS, 2022, p.29) , esse cabelo que não apenas reage, mas cria as narrativas, esse cabelo que é o elemento formador, desde os contextos familiares, como descreve Day, carinhosamente chamada por seus amigos, a trançadeira cria da Vila Kennedy, favela da zona oeste carioca, nasceu em um lar de mulheres negras que tinham uma preocupação com a aparência e o cuidado com os cabelos como parte formadora dos laços e das memórias.

Tudo começa na infância, né? Eu venho de um lar que é formado em sua maioria por mulheres, então quando se trata de cabelo, é um ponto muito importante para mulheres pretas. Então, a necessidade de estar sempre trançada com o cabelo que demonstre o cuidado, né, de estar sempre penteada, sempre com cabelo que para outras pessoas faz com que aquela criança seja cuidada. Então, para mim, veio de casa desde muito pequena. Como vejo nas fotos, sempre trançada, com kanekalon e miojinho. É onde eu começo a construir minha relação com o cabelo, começo a pensar e formar minha identidade, também construindo um cabelo que eu fui mudando nas minhas fases, e também mudando o cabelo, às vezes uma trança mais longa, uma trança mais curta. Eu escolhi as minhas tranças, o formato das tranças, tudo foi começado dentro de casa. A identidade do cabelo sempre é com pessoas e quem você é com a sua família, com a sua localidade. Foi assim que a gente começou lá em casa, todas as meninas. (Entrevista realizada com Dayana em agosto de 2023)

Está presente na memória das famílias negras, o cuidado aparece ritual e como proteção, sobretudo “em um contexto de uma sociedade racista, para a negra e para o negro é preciso assumir o cabelo crespo, é preciso tornar o cabelo crespo um símbolo de orgulho racial” (SANTOS, 2022, p.142), é quando podemos ver do lugar da beleza, que acredito ser possível dismantelar o antigo olhar e construir um novo, afinal, quem pode sonhar em meio a um contexto de violências e desconhecimento em relação aos conhecimentos de ancestralidade africana? Segundo Santos (2019):

No contexto social afro-brasileiro, trançar cabelos é uma das heranças presentes e deixadas pelos nossos ancestrais africanos na memória coletiva (negra). Encontramos nas famílias negras a prática de trançar cabelos como um dos primeiros recursos estéticos a serem utilizados na manipulação dos fios, principalmente quando estes se apresentam crespos e em corpos femininos. Os penteados trançados na vida de mulheres negras fazem parte das intervenções corporais estéticas utilizadas sobre os cabelos ao longo da história de vida. Saber adornar o cabelo com penteados trançados

não é nenhuma novidade para muitas mulheres negras, pelo contrário, estilizar os cabelos com tranças é uma prática do íntimo, normalmente aprendida no contexto familiar ou em outros espaços de sociabilidades negras. (SANTOS, 2019, p. 64)

É desde dentro de casa, do seio familiar, nuclear ou estendida, carnal ou espiritual, onde se experimenta os primeiros encontros com o cabelo negro, “esses cuidados estão atrelados aos saberes/fazer, conhecimentos e modos de acolhimentos negros-africanos, isto é, ancestrais” (SANTOS, 2022, p.48), são espaços de manifestação artística e criativa, sob a cabeça, o Orí “os cabelos e os penteados africanos assumem para o africano e os afrodescendentes a importância de resgatar, pela estética, memórias ancestrais, memórias próximas, familiares e cotidianas” (LODY, 2004, p.64), Karla relata seu cotidiano, em Porto Alegre, no Sul do país, o cuidado, por meio do ritual e como proteção, são dos sensação marcantes da memória da juventude, cercada de referência estética, afetiva e de modos de cuidar próprios.

Sou filha de uma mãe com 19 filhos com várias mulheres e homens, todos com cabelos grandes. Lembro que, quando eu era muito novinha, por volta das 6 da manhã, minha mãe estava penteando nossos cabelos, esticando eles para fazer aqueles pompons grandes. Nós costumávamos usar tranças ou pompons, tínhamos o cabelo sempre trançado, a gente sempre usava tranças “raiz”. Aos domingos, que era o dia de folga da minha mãe, ela reservava o tempo para cuidar dos cabelos, lavar as cabeças, tirar piolhos e fazer de tudo. Lembro que ela fazia e usava o óleo de mocotó, tinha um creme chamado “lama negra” nos nossos cabelos, que era ótimo para hidratação e limpeza. Desde criança, aprendi a trançar porque ficava observando minha mãe fazer o cabelo das minhas irmãs, enquanto esperava minha vez. foi assim que aprendi a trançar. Aos nove anos de idade, eu me dei conta que a trança poderia ser meu ganha pão, foi aí que eu comecei a aprender mesmo, a trançar, a fazer traçado, a colocar kanekalon. aprendi a colocar kanekalon um pouco mais velha, e eu fazia muito nas minhas bonecas e no cabelo das minhas irmãs. (Entrevista realizada com Karla em agosto de 2023)

Dialogar com as memórias de mulheres negras trançadeiras, nos possibilita compreender sobre alguns aspectos, a experiência com seus cabelos, do cuidado, ou a ausência de desconhecimentos relatados por Helen:

Então, quando eu era criança eu nunca tive esse cuidado com o meu cabelo crespo né, até porque a minha mãe ela é negra porém o cabelo dela não é crespo como o meu, o meu pai também era negro, com o cabelo bem crespo e eu nasci com o cabelo do meu pai, bem crespo. E aí a minha mãe não sabia fazer muitas coisas com o meu cabelo, ela penteava normalmente, porém quando ela teve a primeira oportunidade alisou meu cabelo com a pasta, e assim foi toda minha infância o cabelo alisado de pasta. (Entrevista realizada com Helen em agosto de 2023)

Quando não perdemos de vista que a questão não está no cabelo em si, mas “mas representações coletivas negativas construídas em torno do negro no contexto da cultura e das relações raciais brasileiras” (GOMES, 2019, p.352), como ação contrária ao esquecimento, lembrar que são diferentes desafios que marcam a experiência de ser negro em uma sociedade que preserva e atualiza a dimensão do alcance da violência colonial e do racismo, em um episódio relatado por nossa colaboradora, fica evidente que parte dessa estrutura tem projetado também no momento da infância, uma estratégia de apagamento que, assim como deferidas em relação ao cabelo da pessoa negra, tem a intenção de alterar radicalmente a relação com a negritude, do lugar que faz doer, é subjetivo, mas também é materializado no corpo da pessoa negra. A respeito do reconhecimento do primeiro caso de racismo vivido pela filha da entrevistada, em sua primeira conversa externa, aquela conversa dura, como explicar para uma criança negra que inadequado é o racismo e suas ações desmobilizadoras?

uma delas foi com a minha filha, ela tinha 4 anos e foi para escola, o primeiro ano dela estudando e ela era a única criança negra na sala, ela sempre foi muito quietinha, nunca foi de ficar falando muito, mas sempre quando ela chegava da escola eu perguntava e aí filha como é que foi sua aula? Foi boa, foi legal? Ela sempre respondia foi boa, foi legal... só que no final de semana ela sempre ficava no quarto brincando e eu na cozinha fazendo coisas ou atendendo cliente, aí ela ficou no quarto brincando e eu acabei de fazer o que eu tava fazendo e fui no quarto ver o que ela estava fazendo, foi quando eu vi que ela tava sentada no chão e passando liquid paper na perna, eu falei: minha filha o que você está fazendo, você vai ficar toda suja! Ela falou: mãe eu quero ficar branca, porque todos os meus amigos são brancos... e ela começou a passar liquid paper na perninha dela e aquilo para mim foi muito triste, eu senti uma dor assim muito grande, fiquei bem desconfortável com aquela situação. Aí foi a primeira vez que eu tive o diálogo com ela, falando sobre o racismo, conscientizando ela sobre o cabelo, sobre o tom da pele dela. (Entrevista realizada com Helen em agosto de 2023)

De acordo com Nilma Lino Gomes, em sua pesquisa fundamental sobre os salões afro, “a mulher e o homem negro convivem com o desafio de desconstruir o olhar negativo sobre seu corpo e seu cabelo” (GOMES, 2019, p.353), é fundamental que também possamos nos atentar ao universo da criança negra em relação a esses desafios. No entanto, se esses olhares que “rotulam o cabelo e a cor da pele como sinônimos de inferioridade e ausência de beleza” (GOMES, 2019, p.354) são parte da tradição ocidental, e na também na vivência de pessoas negras, em suas coletividades e espaços familiares, que são organizadas, em um sentido radical, que rompe com o conhecimento que nos coloca no lugar do outro, o lugar do negro. Nilma (2019) evidencia que essa ação de transformação, precisa ser no âmbito de alterar tanto as narrativas quanto nossa autoimagem, ela destaca:

Para alterar a autoimagem e mudar essa imagem social, é preciso uma mudança profunda que vai além de ações individuais. Será necessário alterar radicalmente a forma como se estruturam as relações raciais na sociedade brasileira, superar o racismo que coloca empecilhos na mobilidade individual, social, política, econômica, e educacional dos negros e das negras. (GOMES, 2019, p. 352)

Com certeza os esforços no sentido promover uma mudança na autoimagem e imagem social, passa por dismantelar as políticas já instituídas sem que nós, enquanto povo, tivéssemos a chance de intervir. É por isso que encontro na trajetória da trançadeira, via fértil para construir novos olhares, comprometidos com a realidade que atravessa as experiências dessas mulheres, que seguem construindo e nos apresentam o cuidado como via de amor, um amor radical, que não tem vergonha de voltar e buscar o conhecimento que foi deixado, que elabora “estratégias de sobrevivência e de resistência, no sentido de revalorizar a si mesmos e ao seu grupo étnico/racial, de aumentar a própria autoestima, de ‘invadir’ espaços sociais, políticos e educacionais” (GOMES, 2019, p.353), a medida que se caminha, nos encontros e por meio dos afetos, assim como dos diversos rituais de cuidado, com os cabelos e com os pensamentos, nesse sentido “ao manusear os fios crespos, as trançadeiras atuam como transmissoras da ‘memória ancestral’ no exercício de repensar o mundo, dinâmico e diferenciado daquele descrito pelos valores culturais e estéticos do ocidente, herdado pelo mundo moderno” (ROCHA, 2016, p. 86). A memória guardada em nossas mãos nos permite ser um elo que entrelaça o antes e o agora, a história ancestral que fora escrita no continente África e a luta que ainda se escreve nas diásporas negras.

contra o racismo e as mazelas que foram produzidas a partir dele. A ação de mulheres negras que transam, em seus processos de autoconhecimento e projeção das descobertas na direção de dismantelar as violências hegemônicas, contra nossas existências, Orí e cabelos, assim como das linguagens que se comunicam por meio dos penteados e tranças. Santos (2022)

dimensiona que o cabelo crespo tenciona forças políticas que abarcam processos de dominação e conscientização, a autora segue em sua explicação:

Em um contexto de uma sociedade racista, para a negra e para o negro é preciso assumir o cabelo crespo, é preciso tornar o cabelo crespo um símbolo de orgulho racial. Mulheres e homens negros aprendem a se tornarem pessoas crespas, em outras palavras, são ensinados e aprendem a assumir com orgulho e muito cuidado a textura dos cabelos quando crespos e cacheados. Esse movimento não ocorre sem conflitos e sem conscientização dos traumas raciais.(SANTOS, 2021, p.142)

Por tudo isso, pelos traumas e pelos amores, por vivenciar uma experiência intensa, de trocas e aprendizados que refletidos no espelho, podem ser sentidos que nos ajudam a desmantelar a estrutura que nos aprisiona. O cabelo negro, que é cuidado e protegido pela trançadeira, por sua família, por seus ancestrais e estão vivos em sua memória, no corpo, como condutor do Orí, que é este lugar onde podemos sonhar, esse cabelo negro que é uma fusão da compreensão política em analogia aos cabelos crespos de pessoas negras, intui chamá-lo assim nesta pesquisa, tendo em vista que aqui o cabelo é trançado com perspectivas críticas a respeito do racismo e de sua interferência na sociabilidade e manutenção da memória da negritude. O cabelo negro em minha compreensão criativa, faz alusão a perspectivas de luta, de cuidado, de afeto e de amor. A partir de um olhar apaixonado, o cabelo negro é a representação mais palpável da sabedoria da trançadeira, ele é o resultado. O resultado de um amor que não dá para explicar, por isso escutar as trajetórias é fundamental, o acúmulo dessas narrativas, das ações-resistências que tem transformado a vida de mulheres negras. Em sua pesquisa sobre os cabelos e as mulheres negras de Maputo em comparação com o Brasil, Cruz (2019) nos questiona “como amar se na sociedade em que vivemos não há referências positivas sobre a nossa imagem? (CRUZ, 2019, p.129). E a partir do cuidado, por meio do ritual e da proteção, de mulheres negras trançadeiras, pela via de reconstruir nossa afro-gênese e criar metodologias desde dentro de trajetórias que são reflexos de modos ancestrais de ser e estar no mundo

Todo dia desperto com vontade de saber mais, de conhecer mais, pois a medida em que me joguei no cotidiano, marcado por muito trabalho e muitos dias de luta e muitas horas para a realização dos penteados trançados, é que tenho conseguido identificar o que me movimenta, o que me desafia, o que me motiva, quais os meus limites. de onde tenho amado e criando com minha próprias mãos o sentido de liberdade e de amor que sonho para nós, é como bell hooks (2020) escreveu sobre o sentido de valorizar quem somos como uma “intervenção revolucionária que mina as práticas de dominação”(hooks, 2020, p.61) e nos encaminha para uma proposição: “amar a negritude como resistência política transforma nossas formas de ver e ser e, portanto, cria as condições necessárias para que nos movamos contra as forças de dominação e morte que tomam as vidas negras” (hooks, 2020, p.61) e é neste lugar que tenho projetado o mundo que desejo, comprometida com a minha liberdade de criar.

Sendo assim, acredito que a missão da geografia negra é articular essas linguagens negras, as trajetórias que elas percorrem e necessariamente encontrar ferramentas para trocar esses saberes entre nós mesmos, de forma criativa, organizada, comprometida e com um amor radical. Acredito que nosso maior desafio é compreender que nós precisamos cuidar individualmente de nossos oris e nos despir de nossos egos, para que, então, nós possamos nos escutar, sentir nossas memórias, viver nossas memórias e assim poder encaminhar um projeto mais concreto para quem não teve e não terá a oportunidade de construir sua própria liberdade.

REFERÊNCIAS



CUNHA JUNIOR, Henrique. NTU. **Revista Espaço Acadêmico**, [S. l.], ed. 108, p. 81-92, 2010.

EVARISTO, Conceição. Vozes-Mulheres In: EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017, p. 24-25.

FIOCRUZ. **Projeto Sankofa discute as questões e relações étnico-raciais**. Portal FIOCRUZ, 2018. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/projeto-sankofa-discute-questoes-e-relacoes-etnico-raciais>

Acesso em 20/11/2023.

GUIMARÃES, Geny Ferreira. A Geografia desde dentro das relações étnico-raciais. In: NUNES, Marcone Denys dos Reis; SANTOS, Ivaneide Silva dos; MAIA, Humberto Cordeiro Araújo (Orgs.). **Geografia e Ensino: aspectos contemporâneos da prática e da formação docente**. Salvador: Eduneb, 2018, p. 67-94.

GUIMARÃES, Geny Ferreira. Geo-grafias negras e geografias negras. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S. l.], v. 12, n. Ed. Especial, p. 292–311, 2020.

GUIMARÃES, Geny Ferreira. **Rio Negro de Janeiro: olhares geográficos de heranças negras e o racismo no processo-projeto patrimonial**. Salvador, 2015. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal da Bahia, 2015.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. 3 ed. São Paulo: Autêntica Editora, 2019. SANTOS, Luane Bentos dos. **“Trancista não é cabeleireira!”: Identidade de trabalho, raça e gênero em salões de beleza afro no Rio de Janeiro**. Tese (doutorado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2022.

LODY, Raul Giovanni da Mota. **Cabelos de axé: identidade e resistência**. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2004.

SILVEIRA, Paloma. **Memória, Ancestralidade e Vivências de Mulheres Negras Trançadeiras como caminho Metodológico para uma interpretação Geográfica do Espaço e da sociedade**. Dissertação defendida no dia 21/11 pelo PPGGEO UFRRJ IM. 2023.128 p.

WALKER, Sheila S; ANTUNES, Viviane C (org.). **Conhecimento desde dentro: os afro-sul-americanos falam de seus povos e suas histórias**. Rio de Janeiro: Kitabu, 2018.